

Almeida

c.a. lupe cotrim

SETEMBRO/1980

n.10



Quem foi
Lupe Cotrim?

Editorial

Pois leitores, aconteceu o inevitável: o Almeida chegou ao seu décimo número. E chegou também o momento de uma avaliação de sua história. Afinal o que significa um jornal que teve seu primeiro número fechado numa noite qualquer do mês de junho de 1979, texto datilografado numa IBM e impresso em papel sulfite no Grêmio Politécnico? O que significa esse número dez, texto composto, impresso em papel jornal na gráfica da ECA — e trazendo textos escritos e discutidos pela Comissão do Jornal? (Quem será que se lembra de como eram escritos os artigos antes?)

Nos seus primeiros números o jornal chamava a atenção pelo seu nome. Afinal é insólito um jornal de entidade estudantil com um nome tão sem significado quanto Almeida. Mas o conteúdo pelo menos era o mesmo de outros jornais: as lutas colocadas no momento, o fim do estágio de jornalismo, os presos de Itamaracá, as verbas . . .

Enfim, era um jornal chato. Não falava sobre o pobre estudante da ECA, sua vida, suas pequenas preocupações, seus amores . . . Aí que a uma certa altura, o

jornal (lá pelos números 6, 7. . .) começou a falar como gente, ter uma gente, ter uma cara de gente mais solta, mais à vontade. . . Até a Comissão ficou mais à vontade (afinal os anúncios da vodka deram resultado).

E assim estamos hoje. Só que isso não é suficiente. Não basta um jornal à vontade, que fala de gente, apenas. O Almeida precisa ser mais que isso. O quê não se sabe bem, mas vamos tentar explicar.

O Almeida não é um simples jornal estudantil. É um jornal de uma Escola de Comunicações e Artes. (É alguma coisa, pois não?) Sendo assim deveria falar sobre Comunicações e Artes: discutir o último programa de TV do Sílvio Santos, o primeiro filme do Herzog, As três Mortes do Solano (o longa-metragem produzido na ECA), os rumos tomados pela Indústria Cultural e o gibi do Tio Patinhas.

Outra coisa importante que não se pode esquecer é o fato da ECA ter estudantes de jornalismo e o Almeida ser um jornal. Dos estudantes, e portanto aberto às suas experiências, onde podemos aprender o quanto custa manter um jor-

nal, publicá-lo e distribuí-lo. Ou então conseguir um anunciante, bolar um anúncio e receber o pagamento (que luta, hein, colegas de PP?). E tem mais. O pessoal de Rádio-TV poderia descobrir uma maneira de fazer o Almeida ser lido no Jornal Nacional pelo Sérgio Chapellin. Biblioteconomia, Artes Plásticas, Teatro, Música. . . esse pessoal todo tem muito para contribuir nesse jornal (afinal o jornal não é de todos? o Almeida não é eclético?). E é um espaço aberto para a atuação de todos nós, pô!

Agora o leitor certamente perguntará: E o jornal, melhorou?

Respondemos: Olha, mais ou menos. Tem mais gente trabalhando, dá pra se imprimir na gráfica da ECA, dá pra se ler o jornal, tem até gente perguntando por ele. . .

Mas (e em toda historinha tem um mas) pode ser melhorado. E muito. Só depende, adivinha do quê, caro leitor? .

Comissão de Imprensa

NOTAS

O fracasso da "Festa do Cachorro Louco" veio confirmar a falta de conscientização da necessidade de maior vivência entre todos nós da ECA. Mas isso não será motivo de desânimo por parte dos poucos que participaram e mostraram o verdadeiro sentido da convivência nesta Escola. Por isso, pessoal, preparem-se! Outras festas serão realizadas e todos poderão participar e comprovar que é bem mais gostoso vir à ECA, tendo também esse tipo de atividade.

Finalmente uma turma do curso de Propaganda e Publicidade consegue produzir uma campanha até sua veiculação. E o resultado está por aí, aquele "maravilhoso símbolo fálico", (segundo comentários suspeitos). Trata-se da programação visual do 3o. Simpósio de Rádio e TV, que inclui desde fichas de inscrição até um anúncio de TV.

Quanto ao "produto", não podemos emitir um parecer. Sabemos apenas que ele não contém mercúrio em sua fórmula, nem ciclamatos, embora parte dele tenha um acentuado sotaque norte-americano.

Vocês se lembram da Primeira Mostra Literária promovida pelo DCE da USP? Pois é, os resultados foram finalmente divulgados no dia 20, no encerramento do Congresso da USP, quando foi lançado um livro com os melhores trabalhos. E para nós, da ECA, uma ótima notícia! Três companheiros nossos tiveram seus trabalhos premiados: Mário Rolim Cândido ("Mãos, Boca e Pássaros"), Antonio M. Moraes ("Sol, Vento e Poeira"), ambos na categoria Contos, e Ivan H. Martins ("Vento e Vilania"), na categoria Poesia.

Almeida
expediente
Jornal mensal do Centro Acadêmico Lupe Cotrim — ECA — USP
colaboradores
Cláudio, Daniel, Dóris, Edivaldo, Erika, Gerson, Kazuo, Lígia, Losnak, Mari, Maria Clara, Maria Elena, Mário, Marli, Rosana, Tadayuki, Tomio, Walter, Zé Geraldo
Yone, Walter, Zé Geraldo, Herta
Fotolito e impressão: LAGRI — Laboratório de Artes Gráficas e Impressão — Escola de Comunicações e Artes — Universidade de São Paulo

«Constituinte»

Sr. Editor:

Acredito que o "Almeida" deva ser além de um jornal informativo, também um palco de debates sobre os diversos assuntos colocados na ordem do dia. É por isso que lhe escrevo com o intuito de me contrapor a uma visão, ao meu ver incorreta, encontrada na matéria assinada

pelo Zé Geraldo, intitulada "Vamos Constituir".

Alguns aspectos dessa matéria são corretos e justos, como explicitação de que a Constituinte não seria apenas mais uma palavra-de ordem, mas a concretização dos diversos anseios democráticos do povo. E, por essa própria característica da Constituinte não se pode deixar de criticar uma séria lacuna apresentada no texto citado: a de não colocar claramente qual a Constituinte que queremos, convocada por quem e com que caráter. Não se trata de discutir o tom ou a cor da Constituinte mas sim qual a sua significação na vida política do país.

É óbvio que é necessário a ampla participação popular, não só na questão da Constituinte, mas em todos os passos que

o povo brasileiro empreender rumo à conquista das mais amplas liberdades. Porém não resta dúvida de que sob um regime antidemocrático, que não expressa a vontade do povo essa participação será sempre mutilada.

Por tudo isso, creio que deixar de acrescentar à Constituinte as palavras: "livremente eleita e soberana" é deixar na mão da ditadura uma arma séria: a convocação de uma constituinte mutilada, sem liberdade e sem a ampla participação popular. Deixar de lado a questão de quem a convoca abre espaço para a existência da famigerada "constituinte com João". E não é isso, de forma alguma, que a oposição quer, não é?

Marli (6o. Sem. Jorn.)

UEE: ELEIÇÕES

Sábado, acabou a apuração das eleições da UEE.

"Viração" ficou na frente, com 3.000 votos de diferença para "Mãos à Obra" (zebra). Logo atrás, "Mobilização Estudantil", e finalmente, em último, perdão, quarto lugar, "Unidade e Democracia".

Dados os resultados das eleições, não há muito a discutir. A UEE infelizmente ainda não reflete os anseios da grande maioria dos estudantes — isso é indiscutível. Portanto temos uma eleição vazia, uma formação de chapas vazia, apurações vazias. Temos uma UEE que é pouco mais do que um nome para o conjunto dos estudantes.

Todos nós estamos cansados de saber que temos um governo distanciado dos interesses da população. Como temos ainda muitos sindicatos nas mãos de pelegos. Como temos um Parlamento, no mínimo, pouco representativo do povo brasileiro, que, mal ou bem, o elegeu. Tudo bem. Lutamos para modificar essa situação. Sabemos onde estão as raízes desse distanciamento.

Mas por que a UEE, a entidade máxima dos estudantes a nível estadual, está se transformando numa "entidade biônica"? Por que o número de votos nas eleições não aumenta como devia aumentar? Por que os estudantes não se sentem representados por ela?

Primeira observação: estamos apenas agora reconstruindo a UEE, depois de dezesseis anos da "gloriosa". É até natural que hajam tantas dificuldades. É até natural que ela esteja distanciada dos estudantes. É até natural que ela esteja "um tanto" bagunçada

como está.

Mas isso não justifica que apenas os estudantes "combativos e mobilizados" tomem de assalto a UEE e a transformem num campo de batalha das vanguardas, que a cada doze meses brigam de unhas e dentes para "tomá-la". Assim que ela — a pobre UEE — é tomada, a nova diretoria toma posse e... seguem-se mais doze meses de brigas encarniçadas, dessa vez entre as diversas "tendências" componentes da chapa. Um horror.

Até quando durará essa prática? É bom acabar logo. É bom acabar bem depressa, caso contrário, a UEE acabará se tornando uma espécie de entidade decorativa, se é que já não se tornou.

A UEE — assim como a UNE — está fraca, muito fraca. Está incomodando pouquíssimo os donos do poder, caso contrário "eles" estariam preocupadíssimos em destruí-la, o que não acontece. Limitam-se a ignorá-la. E é assim que vai continuar, se essa prática de "vanguardinha" prosseguir.

A UEE deve se tornar presente no dia-a-dia de cada estudante. Deve levar *efetivamente* as lutas do Movimento Estudantil, e não apenas "aparecer de vez em quando" nas escolas. Deve se tornar mais ampla, mais representativa. Não deve existir apenas para que possamos dizer que "temos uma UEE". Do jeito que está não dá pra continuar.

Assim não vale.

Notas

PROVERANESCO (Pró-Verão na Escola)

Quem não veio, perdeu. O I Proveranesco foi ótimo.

Teve concurso de pebolim, de sinuca, depois até pintou duas bolas e saiu um bate-bola e algo parecido com vôlei, tudo regado a pinga (da boa). E depois, o mais importante foi que algumas pessoas do 2.º semestre noturno finalmente souberam quem são alguns de seus companheiros do 2.º semestre matutino e vice-versa.

E a gente tá pensando em promover o II Proveranesco. Será que vai ser mais povoado?

PELO ENTROSAMENTO DO 2.º SEM. MAT. E NOT.

ABAIXO A RECLUSÃO!

Erika, 2.º sem. not.

Não sei se vocês sabem, mas o Cine-Clube Luz Vermelha, após um certo tempo de inatividade, resolveu sacudir a poeira e, desde o início do ano, vem convocando reuniões e promovendo algumas sessões (às sextas-feiras) com o intuito de provocar debates interdisciplinares e ampliar as atividades culturais na Escola. Acontece que os coleguinhas parecem ignorar que o Cine-Clube é uma entidade livre e aberta à participação de todos os alunos da Universidade, independente do fato de estarem cursando Cinema ou não. Com isso, as reuniões — anunciadas com frequência — tornam-se cada dia mais um retrato do desinteresse do estudante em relação a qualquer atividade que não esteja diretamente ligada à obtenção do seu diploma. A idéia de integração entre o cinema e outras áreas não consegue sair do papel, mesmo porque o saldo (\$) das projeções continua negativo. Será problema de horário? Desinformação dos alunos? Programação inadequada? Ou teremos que admitir que o problema é de muito maior âmbito?

Apresente-se. Discuta. Participe. O "Luz Vermelha" somos nós.

Dóris

ELEIÇÃO DO DIRETOR DA ECA

A ECA está virando notícia em vários jornais e o Almeida não podia ficar para trás, deixando de registrar o que anda acontecendo por aqui.

Quando todo mundo pensava que a ECA ia acabar (ou tombar) eis que a Semana de Arte e Ensino (de 15 a 19/9), promovida pelo Departamento de Artes, trouxe mais de duas mil pessoas dos quatro cantos do país para uma maratona de palestras, debates, filmes e espetáculos ligados de alguma maneira ao ensino de Arte. Foi bonito ver a Escola cheia de gente curiosa e agitada, depois de um marasmo e um esvaziamento de cortar o coração.

Mas se a Semana de Arte e Ensino envolveu majoritariamente gente de fora da Escola, iniciou-se ao mesmo tempo na ECA um processo que tem como centro dinâmico a sua comunidade: a escolha do nosso novo diretor.

Embora seja consenso que a ECA é um presente de grego para qualquer pessoa séria que se disponha a dirigi-la, os professores e os funcionários (talvez escaldados pela experiência traumática do Nunes), resolveram brigar pela democratização da escolha do infeliz e formularam uma proposta concreta: eleição direta pela comunidade da Escola da lista sêxtupla a ser entregue pela Congregação ao reitor.

Eu explico. De acordo com os estatutos da USP, o processo de "eleição" do diretor é o seguinte: a Congregação da Escola elege seis nomes entre os 328 professores titulares da USP e o reitor escolhe entre eles o diretor. Democrático, não? Isso sem contar que a ECA não tem nenhum professor titular, o que vale dizer que o futuro diretor (a exemplo dos três anteriores) necessariamente virá de fora da Escola.

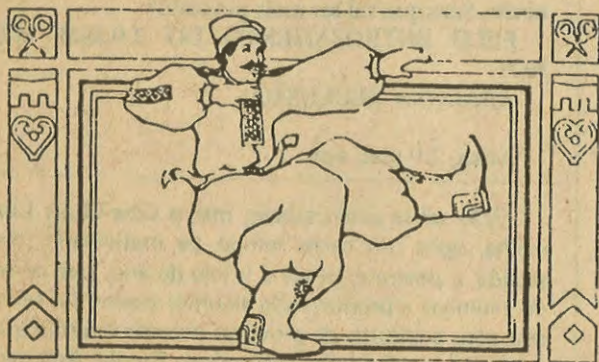
E a Congregação, o que vem a ser? Bom, a Congregação — órgão máximo de direção da Escola — é composta atualmente por 13 membros: os chefes dos 7 departamentos, mais os representantes das 4 categorias docentes (auxiliares de ensino, mestres, doutores e livre-docentes), mais um representante discente e o diretor. Façam as contas.

A essa altura da didática exposição cabe perguntar: em quê a proposta dos professores e funcionários muda esse quadro? Se nos prendermos aos aspectos formais da escolha a resposta é: não muda em nada, isto é o diretor continuará a ser escolhido pelo reitor entre seis nomes apresentados pela Congregação. O sentido da proposta, porém, vai muito além do formal: trata-se de abrir espaço para a intervenção dos professores, funcionários e alunos como força de pressão sobre a Congregação para que escolha os nomes que a

Escola quer. E — mais que isso — evidenciar um questionamento efetivo da ausência de democracia na Universidade, criar um fato político novo, abrir caminho para iniciativas mais avançadas na luta pela democratização da Universidade, indissolúvelmente ligada à luta pela democratização da sociedade brasileira.

No momento em que escrevo isto não sei se os estudantes participarão ou não do processo de eleição direta do diretor, uma vez que não foi realizada ainda uma assembléia para decidir sobre isso e existe um grupo de estudantes (vamos falar claro: a Libelu) que é contra a nossa participação nessa eleição, baseando-se em argumentos como "não nos interessa escolher o representante da ditadura na Escola pelos próximos quatro anos", ou "não se pode lutar pela democratização da Universidade enquanto a ditadura não cair", e coisas do gênero. Ou seja, os mesmos argumentos que foram utilizados pelo referido grupo nas eleições para reitor da PUC, onde — nunca é demais lembrar — foram os únicos a defender (juntamente com alguns professores da TFP) o boicote ao processo.

Qualquer que seja o resultado da nossa assembléia e mesmo das eleições, será prematuro avaliar de imediato os resultados da idéia colocada em movimento. Só a História dirá. Zé Geraldo.



BALALAYKA

Como tomar Vodka

Na Rússia e na Polônia o pessoal toma Vodka pura e bem gelada. Eles enchem um cálice pequeno, gritam *Nazdrowye!* (saúde) e tomam de um só gole.

Aqui foi desenvolvida a garrafa de alumínio para a Vodka gelar em apenas 6 minutos e colocaram dentro a excelente Balalayka. *Nazdrowye, para você!*

SEMANA DA ECA

Realizou-se de 10 a 12 de setembro, a Semana da ECA, com debates preparatórios para o Congresso da USP.

Pronto, Todayuki, escrevi a parte "séria" da matéria. Agora, vamos ao que interessa: afinal de contas, o que está acontecendo com essa escola? Morreu, e esqueceram de enterrar? No momento preparatório de um happening como está sendo o Congresso da USP, em plena greve da UNE, e eis que a ECA está praticamente vazia! A muito custo, conseguiu-se fazer todos os debates, com os debatedores olhando para meia dúzia de caras, sempre as mesmas, por sinal (estes nunca mais voltam à ECA. . .). Dentro do possível, até que os debates estiveram interessantes. Mas como é que temas como mercado de trabalho, estrutura de poder na Universidade, produção cultural, tão pertinentes aos alunos da ECA, não estão chamando quase ninguém? Mistério. (Mistério mesmo?).

Merece uma referência especial o debate sobre "Estrutura de poder na ECA" que acabou se transformando em debate sobre a mudança de diretor do ECA, que está dando tanto bode atualmente. Pois o bode começou justamente nesse debate: participa ou não participa. "faz o jogo da ditadura" ou "tenta interferir no processo". Questão em aberto. Como é questão em aberto a causa dessa "semana" tão vazia.

A USP EM DEBATE

O Congresso da USP aconteceu. A frase é óbvia, mas nem tanto, se lembrarmos das imensas dificuldades apresentadas à sua realização. Em primeiro lugar, houve a intransigência do reitor e da burocracia, negando o recesso, negando salas, etc. Além disso, muitas falhas na preparação e organização do Congresso, sem contar o descaso que certas entidades e grupos estudantis dispensaram ao acontecimento, certamente por não terem compreendido sua importância no quadro atual.

Pois bem: e qual é a importância do Congresso no quadro atual? A de ser a primeira oportunidade em que — por iniciativa do DCE-Livre da USP — os três segmentos da comunidade universitária se reuniam para discutir seus problemas comuns e as perspectivas para superá-los. E isto aconteceu.

Aqueles que acreditavam num esvaziamento do Congresso e se esforçavam por isso foram derrotados. Com quase duas mil pessoas na sessão de abertura, o Congresso manteve um bom comparecimento durante toda a Semana, notadamente nos debates sobre "Poder na Universidade", "Universidade para uma sociedade democrática", "Universidade e Cultura". Desses debates participaram al-

guns dos intelectuais mais respeitados do país (Alfredo Bosi, Azis Simão, Marilena Chauí, Braz Araújo, G. Guarnieri), ex-ministros (Darcy Ribeiro, Paulo de Tarso) e parlamentares (Franco Montoro, Imma Passoni), etc.

Os grupos de trabalho, embora contando com um número menor de participantes, realizaram uma primeira e produtiva discussão sobre temas que vão desde os estatutos da USP até as condições atuais de ensino e pesquisa. Os grupos e comissões formados durante o Congresso continuarão a trabalhar, aprofundando as análises e propostas levantadas.

O problema mais grave enfrentado pelo Congresso talvez tenha sido o da pequena participação dos funcionários nas atividades, em função da negação, por parte da burocracia (segundo consta, a mando do Maluf), do recesso reivindicado pelas três entidades (ADUSP, ASUSP e DCE). Outro problema foi a não-eleição de delegados das três categorias para a plenária final, que com isso não pôde deliberar em nome da Comunidade Universitária, mas apenas aprovar algumas propostas indicativas e de continuidade dos estudos e discussões iniciados no Congresso.

Mas quem acreditava que este não seria um "Congresso de luta" também deve

estar envergonhado, pois saíram fortalecidas tanto as lutas comuns das três categorias (suplementação de verbas, ensino público e gratuito, democratização da universidade) como os movimentos específicos de cada uma delas, o que aliás ficou claro na Plenária final, que organizou a participação da USP na concentração do funcionalismo realizada em frente ao Palácio dos Bandeirantes na sexta-feira, dia 19. Este ato simbolizava de maneira cristalina a contradição real que se evidencia na crise da Universidade: de um lado a comunidade universitária começando a lutar conjuntamente para defender seus interesses; do outro lado o Governo autoritário, corrupto e alheio a qualquer preocupação com a Universidade e com os interesses da maioria do povo. Só isso.

Zé Geraldo.



VIRGEM — 23/8 a 22/9

Bem que você poderia ter nascido a 22 de agosto ou 23 de setembro. Seria engraçado deixar de ser virgem por culpa de um dia. Mas, levando em consideração sua ainda existência, vejamos o período zodiacal deste mês.

AMOR: se você não foi à "Festa das Virgens" talvez tenha perdido boa ocasião para perder a... Também, você só quer saber de sentar na primeira fila, assinar a lista e pegar logo o diploma da USP prá pendurar na parede!

PROVÉRBO: "Minha mãe, que é minha mãe, desconfio que não seja mais donzela".

SAÚDE: a época não tem sido propícia para estar em sedes de OABs, bares e lugares que tais, mas isso há de mudar.

NÚMERO DA SORTE: um casal

CONSELHO: despreconceite-se e participe do ALMEIDA.

LETRA FAVORÁVEL (e também conselho): D, do verbo dar.

Kazuô (2o. not.)

USP, ENTRADA PROIBIDA

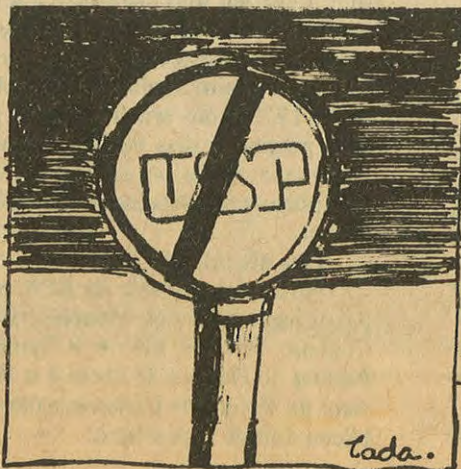
De vez em quando a gente se depara com algumas surpresas nessa USP. Que nem aconteceu na sexta-feira, dia 19, quando a gente voltava para a CRUSP, um pouco mais tarde que o habitual. E o que aconteceu? Nada menos que a única entrada da cidade universitária fechada e guardas comprovando os documentos de quem queria entrar.

Esse fato por si só já é um absurdo. Desde quando os estudantes tem que provar que o são para poder entrar na USP? Além do mais, caso eu não fosse estudante, será que eu poderia ter entrado? O preocupante é que este tipo de coisa já vem acontecendo há algum tempo. Antes, eram comandos da polícia, com aqueles enormes camburões que ficavam todos os fins-de-semana parando os carros e pedindo documentos. Agora "eles" fizeram de um jeito mais simples: construíram uma casinha de madeira e deixam alguns obstáculos à mão. Além do mais, todas as saídas da USP são fechadas à noite.

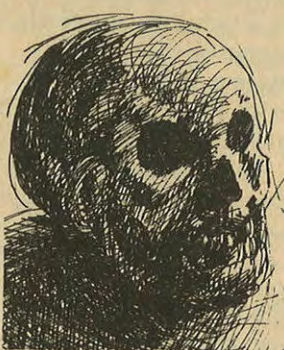
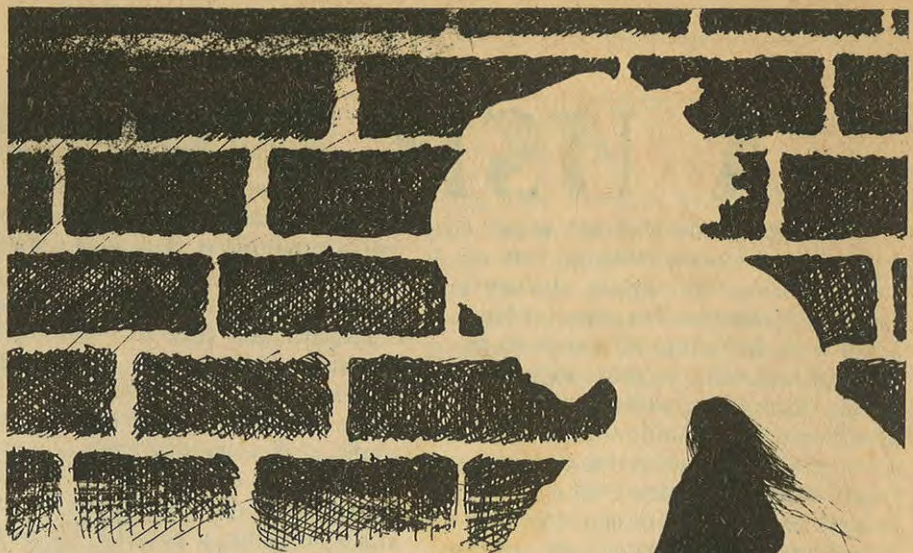
Isso parece ou não com um esquema montado para uma repressão sutil (afinal eles provavelmente alegam que é para ze-

lar pela universidade tudo isso) aos estudantes e quem mais vem à USP. E a gente nem percebe que o nosso espaço, a nossa liberdade estão sendo cerceados com isso. Talvez no dia em que precisarmos mostrar os documentos antes de entrar em aula como acontece na Cásper Líbero, a gente perceba que nem tudo o que "eles" faziam eram com boas intenções.

MARLI,



Itinerário de Lupe



EDVALDO/80

Como fazer uma matéria sobre Lupe Cotrim, poetisa e professora da ECA? Procura-se na biblioteca e se descobre que não há quase nada, que a ECA pouco sabe sobre sua própria história. Como saber quem era Lupe Cotrim?

“Alô, é da Oboré? . . . Poderia falar com o Sérgio Gomes? . . . O Almeida vai fazer uma matéria sobre a Lupe Cotrim. Talvez você pudesse ajudar”.

“Bom, eu não fui aluno da Lupe Cotrim, mas participei da assembléia que deu o nome dela ao Centro Acadêmico”.

“Como foi?”

“No começo de 70 foi convocada uma assembléia. Tinha umas 40 ou 50 pessoas. Foi proposto que se desse o nome dela ao C.A. e isso foi aprovado por unanimidade. Eu era o único aluno do 1o. ano na assembléia, não conhecia a Lupe, mas o relacionamento dela com os alunos parecia ser bom. Os alunos do 2o. e 3o. anos pareciam chocados com sua morte”.

Em 1967 Lupe tornou-se professora de Filosofia da Arte na recém-criada Escola de Comunicações Culturais. Com suas 23 cadeiras e 80 disciplinas a ECC (futura ECA) foi considerada “o quarto de despejo da Universidade”. Nessa época a Universidade vivia um clima de agitação, com os estudantes exigindo paridade nos níveis de decisão das faculdades, professores pedindo uma reformulação no sistema universitário e grupos conservadores tentando manter suas posições, num processo que culminaria em 68.

O anfiteatro do 1o. andar estava vazio exceto por dois alunos e o Prof. Marco.

“Marco, será que a gente encontra alunos dela?”

“A Nazareth foi aluna dela, o Milanese, a Dora, de Teatro. O Eduardo Leone fez um filme onde ela aparece: A Morte da Strip Teaser. Ela era uma mulher muito bonita”.

“Luis, você podia dizer algo sobre Lupe Cotrim?”

“Fui aluno da Lupe em 68. A Lupe pedia trabalhos escritos. E, isso é notável, ela lia os nossos textos, e mais notável ainda, fazia anotações marginais. O meu trabalho que não merecia maiores considerações naquele momento cresceu, transformou-se num diálogo com a professora. E com isso, o aluno que só mesmo podia cumprir tarefas, dar respostas, viu que, numa experiência pedagógica, poderia também propor, ter a palavra”.

Aterafado em sua sala de atendimento aos alunos, o professor Virgílio não esperava a pergunta do repórter sobre a companheira de Departamento. Após breve hesitação, ergue a cabeça pensativo e murmura:

“Lupe. . . O que você quer saber sobre

Lupe?”

Percebe-se que o nosso impessoal mestre se emociona em falar dela e procurar em seu empoeirado arquivo documentos que o ajudem a traçar a vida de Lupe Cotrim na ECA.

“Ela era uma moça muito rebelde ao expediente burocrático. Coisas como listas de chamada eu precisava pedir com muito jeito para ela fornecer”.

“Ela era muito bonita, não é mesmo?”

“Lindíssima. E se vestia com elegância, sempre com um detalhe qualquer, um lenço ou algo assim. . .”.

Em 69 a poetisa Maria José Garaude Giannotti (a nossa Lupe) ganhou o prêmio Governador do Estado por seu livro *Poemas ao Outro*, com marcada preocupação social.

Lupe tinha um sonho: conhecer a Europa. O prêmio era em dinheiro e ela o destinaria à realização desse sonho. Naquela época os professores da ECA lhe prestaram uma homenagem. Lupe leu seus poemas. É a última recordação que deixou à Escola. Já bastante solapada pela doença que a consumia, o câncer, mas ainda forte e muito bonita, faleceu a 18 de fevereiro de 1970, com seu livro ainda por publicar. Seus poemas e suas entrevistas mostram a angústia que sentia ao encarar a morte. Um de seus poemas se inicia assim: “Quando morrer, se morrer. . .”

Para nós, ela não morreu.

Nota: A biblioteca da ECA possui, de Lupe, os seguintes livros: *Monólogo de Afeto*, *Raiz Comum*, *Entre a Flor e o Tempo*, *Inventos*, *Poemas ao Outro* e *O Poeta e o Mundo*. A Revista da Escola de Comunicações Culturais publicou dois de seus artigos.

INDAGAÇÕES A JOÃO

Por que te faço poemas?
E o protesto irradia:
tão poucos lêem estes versos
e deles ninguém desperta.

Este lavar dia a dia
o que em ti nos desconversa?
Não escondes o fascínio
do que se ascende na imagem
e das paisagens concretas
em que não te acho hospedado.

Dúvidas de quem assim
comenta o mundo na escrita
e quer dar a qualquer frase
o incisivo de um corpo
e o invólucro do fim.

Há pela ponta da fala
o descortino do fato:
no invisível do verso
surge um ventre semeado.

Há o sentido que salta
pelo ombro da palavra:
a denúncia que soletra
atrás da porta lacrada.

Levar adiante, João,
o fazer-se no que diz
é instaurar o futuro
e retomar a raiz.

Lupe Cotrim
Garaude. *Poemas ao Outro*.

O direito à preguiça

"Uma estranha loucura apossa-se das classes operárias das nações onde impera a civilização capitalista. Esta loucura tem como consequência as misérias individuais e sociais que, há dois séculos, torturam a triste humanidade. Esta loucura é o amor pelo trabalho..."

Com essa porrada na classe operária (e nos seus "ideólogos") Paul Lafargue inicia uma das mais contundentes e divertidas obras da literatura socialista de que se tem notícia. Editado recentemente pela Kairós, quando se comemora o centenário de sua primeira publicação, "O DIREITO À PREGUIÇA" foi, no começo do século, a obra de maior circulação nos meios operários, depois do "Manifesto", de Marx & Engels.

Discutindo questões como lazer, mecanização da produção ("a máquina é o redentor da humanidade, o Deus que resgatará o homem das 'sórdidas artes' e do trabalho assalariado, o Deus que lhes concederá os lazeres e a liberdade."), espírito do capitalismo, burrice do proletariado, e introduzindo citações que vão de Platão, Heródoto e Xenofonte até o seu sogro, passando por Virgílio, Descartes e S. Mathews, Lafargue demonstra, além de uma cultura assombrosa, um senso de humor devastador, raríssimo em toda literatura política (somente o Pravda consegue ser tão engraçado...).

Torna-se, portanto, imprescindível, numa época em que se discute tanto questões como lazer e prazer, ócio e negócio (= negação do ócio), a leitura deste que foi o primeiro herói socialista latino-americano, cuja própria vida foi das mais fascinantes: nascido nas Antilhas, sangue de francês com mulato, estudante de medicina na França, participante da 1a. Internacional, insurreto da Comuna de Paris, fundador do Partido Operário Francês e do PSOE espanhol, preso algumas vezes, suicidou-se aos 70 anos, juntamente com a esposa, para evitar que a "impiedosa velhice" lhe roubasse "um a um os prazeres e alegrias da vida."

Um genial anarquista que se converteu ao marxismo por amor... Laura, sua companheira, era nada menos que filha de um pai severo e vitoriano chamado Karl Marx.

PS.: O opúsculo, com pouco mais de 50 páginas, tem uma excelente tradução do Teixeira e um extorsivo preço de 120 mangos. Amargo, mas compensador.

DANIEL (4o. Sem. Cin.)

Barrela, mostrar, só, é conscientizar?

Um fato real: a violência sexual sofrida por um rapaz de classe média numa cela de prisão e sua vingança contra todos os participantes da agressão, foram o ponto de partida para Plínio Marcos escrever sua "Barrela", proibida há onze anos pela Censura, em cartaz atualmente no TAIB.

Em "Barrela", o autor não se limitou somente à descrição do fato em si, que acontece apenas nos minutos finais. A preocupação de Plínio foi principalmente a de fixar alguns momentos do cotidiano dos detentos, seu relacionamento pessoal, a relação de poder e autoridade entre eles, a ausência de uma perspectiva de vida futura...

No entanto, a peça não chega ao nível da denúncia das péssimas condições de vida nos cárceres, um elemento constante em todos os instantes da vida dos detentos. Não há também nenhum questionamento sobre o sistema penitenciário brasileiro, muito menos sobre qual a melhor maneira de trabalhar na "recuperação" dessa parcela da população.

Essa discussão e, por que não, sua solução, ultrapassa evidentemente os limites

estreitos da tentativa de resolver o problema em si, sem passar por uma transformação que atinja a sociedade como um todo. Essas questões não estão presentes em "Barrela". Sua intenção seria colocar a realidade no palco (ainda que de maneira um tanto superficial).

Num dos debates que se seguem após cada apresentação da peça, Plínio Marcos se defende afirmando que seu papel não é o de apresentar propostas, o que considerava uma atitude paternalista. Acha que o público é que deve fazer as propostas.

Mas fica a pergunta: será que o retrato puro e simples de uma situação é o suficiente para que haja um debate sério sobre isso? Acho que não. O texto de Plínio não abre caminhos que possibilitem isso, ou seja, não fornece elementos suficientes para que haja uma discussão profunda sobre isso.

Apesar das falhas do texto, não há como negar a importância da peça. Só o fato de colocar no palco uma parcela da população marginalizada e pobre de nosso país é um triunfo.

YONE (6o. Sem. Jorn.)

A Última Ceia

Está em cartaz em alguns cinemas da cidade, o filme "A Última Ceia", que é o primeiro filme cubano a entrar em circuito comercial no Brasil. O filme foi feito em 1974 (?) e mostra a escravidão negra utilizada nas Antilhas para o cultivo da cana-de-açúcar, num processo similar ao acontecido no Brasil. Muito se tem falado, escrito e filmado sobre a escravidão no Brasil; torna-se portanto bastante interessante observar o mesmo processo numa outra sociedade e sob novo enfoque.

O enredo baseia-se no latifúndio do sr. Conde, homem rico e religioso que na Semana Santa resolve convidar 12 escravos para a Ceia. Um desses escravos, Sebastião, havia fugido recentemente e fora capturado, tendo recebido como castigo, além das clássicas chicotadas, o corte de uma das orelhas. A Igreja da época é mostrada no seu papel de instrumento utilizado para justificação e manutenção do poder. Outro aspecto observado é a tenta-

tiva brutal de supressão de uma cultura e imposição de uma nova, estranha e opressora.

Durante a ceia, vários incidentes acontecem e ajudam a levar a situação a tal extremo que no dia seguinte acontece um motim dos escravos que resolvem fugir. Porém apenas um, Sebastião, que demonstrou todo o tempo não confiar em promessas e não aceitar sua escravidão, alimentando um firme ideal de liberdade, consegue escapar. As últimas cenas, belíssimas, são metáforas da liberdade.

Todo o filme denota uma grande preocupação com o conteúdo. Não é um filme perfeito, mas bem trabalhado. A maior parte das cenas é filmada em interiores, quase sempre escuros, não sei se propositalmente ou por defeito da cópia. É uma experiência nova e interessante da arte saída de uma sociedade e dirigida a ela.

Não percam! Rosana (2o. Sem.)

JOSE - R. Dom José de
ros, 306 - 223-5247 - Pura
no um anjo... Será virgem -
a de prata - 18 anos - às 10-
25-16,50 - 20,15 horas.

ANADA - Pça. Júlio Mes-
ta 33 - 220-5270 - Kuano
tedor chinês - O grupo
e selvagens - 18 an
2,45- 16,30 - 20
as.

INGA (1)
23-2542
is - 12, 1

INGA (2)
23-2542
s Marid
15, 15,3

CTINH
ora,
is e
is -
- 1

JO
-8
-1

VEG
13-79
ade d
Bruc
de às

ANGE
- 221-5
- s de
lo sexy-
oras.

ABA - Av.
221 - A
14 ar
18- 20

ROCOS - R. C
352 - 223-
o do prazer
12-

boxeadora de Bali - Minna
pistola nunca falha - 18 anos -
desde às 9 horas.

PALÁCIO DO CINEMA Sala
Normandie - Av. Rio Branco,
425 - 221-1319 - A virgem
camuflada - As mãos de aço
do Kung Fu sanguinario - 18
anos - desde 9 horas.

ALCANTARAS DO CINEMA - Sala
Normandie - Av. Rio Bran-
co - 221-1319 - Trinity e
Os Panheiros - Punhos
de Bruce Lee - 18
anos - desde às 9 horas.

ALCANTARAS DO CINEMA - Sala
Normandie - Av. Rio Bran-
co - 221-1319 - Trinity e
Os Panheiros - Punhos
de Bruce Lee - 18
anos - desde às 9 horas.

ALCANTARAS DO CINEMA - Sala
Normandie - Av. Rio Bran-
co - 221-1319 - Trinity e
Os Panheiros - Punhos
de Bruce Lee - 18
anos - desde às 9 horas.

ALCANTARAS DO CINEMA - Sala
Normandie - Av. Rio Bran-
co - 221-1319 - Trinity e
Os Panheiros - Punhos
de Bruce Lee - 18
anos - desde às 9 horas.

ALCANTARAS DO CINEMA - Sala
Normandie - Av. Rio Bran-
co - 221-1319 - Trinity e
Os Panheiros - Punhos
de Bruce Lee - 18
anos - desde às 9 horas.

ALCANTARAS DO CINEMA - Sala
Normandie - Av. Rio Bran-
co - 221-1319 - Trinity e
Os Panheiros - Punhos
de Bruce Lee - 18
anos - desde às 9 horas.

ALCANTARAS DO CINEMA - Sala
Normandie - Av. Rio Bran-
co - 221-1319 - Trinity e
Os Panheiros - Punhos
de Bruce Lee - 18
anos - desde às 9 horas.

ALCANTARAS DO CINEMA - Sala
Normandie - Av. Rio Bran-
co - 221-1319 - Trinity e
Os Panheiros - Punhos
de Bruce Lee - 18
anos - desde às 9 horas.

Quais as perspectiva da cultura brasi-
leira, hoje? A que interesses ela serve?
Quem a produz? Como fazer com que a
cultura atenda aos objetivos dos setores
populares? Quais os caminhos que se co-
locam para o movimento popular partici-
par da produção cultural?

A UEE, através de seu Departamento
Cultural, em busca de uma resposta, abriu
o debate sobre o assunto, no Teatro Gaze-
ta.

Cerca de quinhentos estudantes lota-
ram o teatro para debater essas questões
com Fernando Peixoto, Tim Urbinati, Zé
Celso Martinez Corrêa e Otávio Ianni, o
único dos debatedores não ligado à ativida-
de teatral.

Após a colocação inicial de cada um,
um verdadeiro "happenning" ideológico
tomou conta do auditório, no qual se ve-
rificaram as profundas divergências entre
os debatedores.

Enquanto Fernando e Tim acreditam
no teatro (e por conseguinte, em qualquer
forma de produção cultural) como instru-
mento de transformação social, Zé Celso
acha que o teatro morreu e defende a sua
teoria (e prática, é claro) da liberação do
corpo como a única saída para uma trans-
formação radical da sociedade.

Durante o transcorrer da discussão, o

auditório dividiu-se em dois blocos: o dos
que apoiavam Tim e dos que apoiavam
Zé.

Infelizmente, o debate ficou muito
polarizado em torno da figura carismática
do Zé. A contradição principal, errada-
mente, ficou sendo as posições deste e de
Tim. Contradição pessoal, inclusive,
diga-se de passagem. Em dado momento,
Zé Celso rotulou Tim, de, entre outros
adjetivos, burocrata e estalinista. Teve,
evidentemente, a resposta à altura: foi
acusado de alienado por sua proposta de
liberação do corpo. Proposta essa que não
se sustenta muito a um questionamento
um pouco mais sério, como a de Otávio
Ianni: "Será que se você ensinar o Figuei-
redo a liberar o corpo, a ditadura vai
cair?"

Embora o debate não fosse aprofun-
dado e tenha passado longe de muitas
questões importantes, ele teve sua impor-
tância. Pudemos avaliar quantas divergên-
cias, confusões e inconseqüências ainda
predominam entre as pessoas envolvidas
na produção cultural, ou com perspectiva
de trabalhar nisso. E de tudo o mais impor-
tante: esse debate precisa continuar, não
só nos auditórios, mas em todos os luga-
res, seja nos sindicatos, nas associações de
bairro, nas escolas..



FOROQUECA

Realmente, a licenciosidade e a por-
nografia estão invadindo os nossos lares,
e, o que é pior, as nossas escolas. Como se
já não bastassem essas revistinhas imorais
vendidas por aí, em plena via pública,
temos de aguentar que até no sacrossanto
recinto da ECA entrem publicações por-
nográficas (e o que é pior, sado-masoquis-
tas, o que não tem graça nenhuma). E
quem traz para cá essas publicações, per-
gunto eu? Um desconhecido, um indese-
jável qualquer? NÃO! É o TOMIO, que
sob a esfarrapada desculpa de "apreciar os
desenhos" vem para a escola com uma ca-
ríssima edição em quadrinhos do pornô
francês "História do O", debaixo do bra-
ço.

Realmente, Tomio... Por que não gas-
ta seu dinheiro em coisas mais úteis, por
exemplo, comprando um presente para
mim, que faço aniversário daqui a pou-
co? Corrija-se, rapaz.

Aquele artigo do Almeida no. 8, o
"Implode Coração", deu o que falar! Mas,

até hoje, a Libelu ainda não descobriu
quem é a tal Libélula que, por sinal tem
dito por aí, não estar mais apaixonada
pelo membro da LL. Mas, no fundo do
seu coração implodido, ela continua ga-
madona.

Quem diria! Imaginem que o Milanesi
foi fã ardoroso da falecida professora
Lupe Cotrim! Mas, isso não é tudo! Ela
também conquistou o coração do vetera-
no Fred!

A Libelu está com toda a força, pro-
movendo sua chapa "Mobilização Estu-
dantil" que concorre à diretoria da UEE!
Pena que essa de comes e bebes e um bate
papo amistoso na frente da ECA são
acontecimentos temporários. De qualquer
forma, aproveitem antes que as eleições
cheguem! Tudo indica que até lá, podere-
mos saborear "quitutes trotskistas"! E
não se preocupem com a grana para pa-
gá-los. Eles também aceitam passe (Etá
desespero!)

CORREIO AMIGO

Somps garotas angustiadas,
pois não conseguimos, após meses
de convivência, conquistar o "poeta
romântico" do básico noturno.
Quando ele surge, nossos corações
palpitam fortemente e ecoam pelos
corredores frios do primeiro andar.
Ao dizer-nos "boa noite", nossos
lábios tremem de emoção, gaguejan-
do uma resposta. Mas, ultimamente,
nosso poeta anda meio tristonho.
Não declama mais seus poemas! Re-
pete apenas, os já existentes ("De
tudo ao meu amor serei atento. .
"). Caros leitores! Precisamos de
seus conselhos! O que podemos
fazer para que nosso poeta volte aos
bons tempos, quando suas rimas
enriqueciam nossos corações apa-
ixonados? Como reconquistar aque-
le sorriso cativante? Ajudem-nos,
para que nosso poeta não pereça em
meio a rimas de terceiros.

"Musas frustradas"